

## Concepções de professores universitários sobre suas ações: crenças versus práticas.

Poliana Pereira da Silva<sup>1\*</sup> (IC), Laís Cardoso Borges<sup>1</sup> (IC), Djalma Andrade<sup>1</sup> (PQ).  
pspoliana@hotmail.com

<sup>1</sup> Departamento de Química, Universidade Federal de Sergipe – Av. Marechal Rondon, s/n – Jardim Rosa Elze – CEP 49.100-000, São Cristóvão-SE.

Palavras Chave: *teoria de ação, prática docente.*

### Introdução

No contexto atual da educação é importante que o professor seja um mediador efetivo: consciente do seu papel e reflexivo em suas práticas.

Todo profissional, independente da área de atuação, reflete nas atividades que desempenhou ou precisa desempenhar. Argyris e Schön (1974) afirmam que todo professor possui uma *teoria de ação* que determina a sua prática. Cada *teoria de ação* é dividida em duas componentes: as *teorias defendidas* (crenças e ideologias) e as *teorias em uso* (práticas e atitudes). Eles acreditam “que só avaliando as compatibilidades e incompatibilidades que existem entre estes dois elementos e os contextos nos quais ocorrem, os professores serão capazes de aumentar o seu conhecimento do ensino e de si próprios”. A idéia de assumirmos o papel de reflexivos vai além do apenas pensar e agir de modo intuitivo, pois proporciona aos docentes a oportunidade de serem pesquisadores e investigadores do próprio trabalho.

O suporte teórico do presente trabalho é a *teoria de ação* (Argyris e Schön, 1974) e o mesmo tem como objetivo identificar as *teorias de ação* de professores universitários e verificar se há compatibilidade ou não entre suas crenças e práticas. Em um universo de sete professores, quatro foram entrevistados, por meio de questionário e entrevista, sendo 50,0% Licenciados, 25,0% Químico Industrial e 25,0% Bacharel em Química. Todos são doutores em Química Inorgânica e têm, em média, de 3 a 5 anos de docência.

### Resultados e Discussão

Das concepções dos pesquisados sobre:

a) O que é ser professor: P1- *Profissão de muita responsabilidade*; P2- *Aprender a cada instante*; P3- *Orientador do ensino*; P4- *Transmitir experiências*.

b) O que é ensinar química: P1- *Uma tarefa complexa*; P2- *Uma tarefa difícil, na qual o professor é um mediador*; P3- *Relacionar a química ao cotidiano*; P4- *Ensinar o mundo microscópico*.

Da análise das concepções dos pesquisados sobre o que eles acreditam (teorias defendidas), observa-se que P1 e P4 apresentam uma visão limitada a

cerca das atividades docentes, caracterizando uma visão conteudista. No entanto, P2 e P3 apresentam uma visão mais consciente do papel do professor com características de um modelo de ensino construtivista.

Quanto às atitudes e atividades que os professores realmente desempenham (teorias em uso) foi possível perceber que P1 desenvolve suas aulas destacando sempre a relevância da aquisição do conhecimento químico no intuito de formar bons profissionais, como o mesmo cita: “*químico que não sabe química não é químico*”. Entretanto, o mesmo transfere a responsabilidade do processo para o aluno e para a instituição. P4 apresenta características semelhantes a P1, no entanto busca resolver os problemas que ele mesmo identifica. Por outro lado, P2 e P3 consideram o contexto em que seus alunos estão inseridos. Com relação ao processo avaliativo, P2 coloca: “*Sinceramente, eu ainda não consegui arrumar uma maneira de fazer o aluno pensar mais. Eu ainda não achei um método ideal. Mas eu tô tentando buscar alternativas*”. O mesmo demonstra assumir um papel de constante aprendizagem.

### Conclusões

Da análise dos resultados pode-se considerar que há compatibilidade entre a teoria defendida e a teoria em uso dos pesquisados, no entanto vale destacar que não adianta ter uma visão construtivista se ela não é colocada em prática, como também, não adianta buscar melhorar as práticas se a visão é ineficiente. Portanto, é preciso que os docentes revejam tanto suas crenças quanto suas práticas. Isso pode acontecer no momento em que eles lêem, ouvem e falam sobre a educação em química, seja individual ou coletivamente.

### Agradecimentos

Aos professores que colaboraram para a realização da pesquisa e ao PIBID.

<sup>1</sup> Oliveira, I.; Serrazina, L. A reflexão e o professor como investigador. In GTI (Ed.), *Refletir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 29-42). Lisboa: APM. 2002.

<sup>2</sup> Schön, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In A. Nóvoa (Ed.), *Os professores e a sua formação* (pp. 79-91). Lisboa: D. Quixote. 1992.